

A criação poética de Mário de Andrade nas páginas da revista francesa *L'Esprit Nouveau*¹

Doutoranda Lilian ESCOREL DE CARVALHO¹

Resumo:

Nesta comunicação, proponho-me apresentar parcela de minha pesquisa para o doutorado, “A revista *L'Esprit Nouveau* na formação das idéias estéticas e da poética de Mário de Andrade”, vinculada à exploração teórica e crítica das matrizes e da marginália do escritor modernista, presentes em sua biblioteca. Minha pesquisa integra o Projeto Temático “Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras, coordenado pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez (IEB-USP), tendo como coordenadores associados os Profs. Drs. Marcos Antonio de Moraes (FFLCH-USP) e Flávia Toni (IEB-USP).

Palavras-chave: biblioteca de Mário de Andrade, marginália, crítica genética, modernismo brasileiro, vanguardas européias

Introdução

L'Esprit Nouveau, revista de estética publicada em Paris, projeto do pintor francês Amédée Ozenfant, do arquiteto suíço Le Corbusier e do poeta belga Paul Dermée, representa uma das matrizes da criação de *Paulicéia desvairada* (1922) de Mário de Andrade. O “Prefácio interessantíssimo” (1922) neste livro, espécie de manifesto no qual o poeta brasileiro anuncia a sua poética moderna, reformulado em *A Escrava que não é Isaura* (1925), reflete também o diálogo do nosso modernista com esta revista de vanguarda na França. A leitura e os apontamentos autógrafos, sobrepostos aos textos impressos pelo leitor/escritor, fazem com que os números anotados passem a gozar da dupla natureza de edição e de manuscrito. Nesta comunicação, tratarei da criação poética de Mário de Andrade nas páginas da *L'Esprit Nouveau*, parcela do diálogo empreendido por ele com esta publicação estrangeira, nos cinco anos –1920-1925– em que, na condição de assinante no Brasil, leu e anotou os 28 números, nos exemplares em sua biblioteca, desta *Revue internationale d'esthétique/revue internationale illustrée de l'activité contemporaine*.

1 *Paulicéia desvairada*, livro sem manuscritos

O arquivo de Mário de Andrade (1893-1945) não guarda os manuscritos de *Paulicéia desvairada* (1922), primeiro livro de poemas modernos deste escritor e pedra angular na fundação do movimento modernista no Brasil. Não conhecemos o caderno (ou cadernos) que acolheu a eclosão dessa obra “em pouco mais de uma semana” no fim de 1920, segundo testemunho do poeta brasileiro em “O movimento modernista”, valioso balanço feito por ele em 1942 no Salão de Conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores, a convite da Casa do Estudante no Rio de Janeiro:

Entre desgostos, trabalhos urgentes, dívidas, brigas, **em pouco mais de uma semana** estava jogado no papel um canto bárbaro, duas vezes maior talvez do que isso que o trabalho de arte deu num livro.[grifo meu] (ANDRADE, 1978, p.234)

O que se sabe, pela nota impressa na página de rosto da primeira edição em livro dessa obra, é que sua redação aconteceu entre dezembro de 1920 e dezembro de 1921, período em que o escritor

¹ Os trechos em língua francesa no texto foram traduzidos por mim em notas de rodapé.

também divulgou suas crônicas da série “De São Paulo” na *Ilustração Brasileira*, precisamente entre novembro de 1920 e maio de 1921. Essa publicação paralela à gênese dos primeiros poemas modernos de Mário de Andrade importa na medida em que alguns poemas denunciam um parentesco, nos temas, com as crônicas.

Em 1922, os poemas foram reunidos sob o título de *Paulicéia desvairada* e ganharam uma primeira edição. O livro, copiado à mão², foi impresso à custa do autor nas oficinas da Casa Mayença em São Paulo. Ilustrado por Antonio Moya, o volume *in octavo* estampava losangos coloridos sobre uma capa ousada, desenhada por Guilherme de Almeida, poeta modernista, amigo de Mário de Andrade, inspirado certamente na capa de *Arlecchino*, de Soffici, livro integrando as edições do futurismo italiano na biblioteca do poeta brasileiro³.

Nessa ordem precária de fatos genéticos, decorrente da ausência de documentos do processo, o estudo da criação de *Paulicéia desvairada* parece não ter fundamento científico. O arquivo deste escritor, que não tinha por hábito conservar os manuscritos de seus livros, quando estes ganhavam a primeira edição, parece frustrar as expectativas dos estudos genéticos da obra de Mário de Andrade. No entanto, esta realidade lacunar não os invalida. Segundo observa Telê Ancona Lopez,

[...] a marginália compensa, em maior ou menor grau, a perda dos documentos do processo criativo; reveste-se, assim, de especial valor ao firmar insuspeitados paratextos ou calçar declarações do escritor sobre suas leituras. Temas, motivos, personagens alheios, recursos estilísticos etc. podem ser vistos nas cabeceiras da escritura mariodeandradina como ressonâncias fortuitas e paradoxalmente inaugurais, desencadeando a criação. (LOPEZ, 2002, p.50-51)

1.1 Biblioteca de Mário de Andrade (BMA)

A biblioteca de Mário de Andrade oferece rico material para a vertente da crítica genética que se debruça sobre as leituras e a marginália do escritor. Os 17.624 volumes que a compõem, entre livros, jornais e revistas, trazem, a maioria, em suas margens, generosas anotações de leitura saídas da pena ou do lápis desse leitor/escritor engajado na proposição de uma estética de cunho brasileiro. Nessa condição, os volumes anotados (*locus genesis*) ganham uma dupla natureza de edição e de manuscrito. Mas são manuscritos bem particulares, na medida em que, como previne Daniel Ferrer, “ils conjoignent sur le même support le domaine du texte public imprimé, exhibé, socialisé, et le champ privé de l’atelier du créateur, le lieu intime de la gestation.”⁴ (FERRER, 2001, p.11)

Antes da transferência da biblioteca de Mário de Andrade ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP) no segundo semestre de 1968, um projeto de pesquisa pioneiro, coordenado por Antonio Candido de Mello e Souza da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, realizou de 1963 a 1968 uma primeira exploração da biblioteca de Mário de Andrade, na casa do escritor, apresentando na conclusão o registro dos títulos nas estantes, uma primeira classificação de sua marginália, e três trabalhos de mestrado, os quais, sob o apoio teórico das fontes e das influências, vincularam leituras do poeta à sua criação⁵.

² Cf. Telê Ancona Lopez em “Mário de Andrade, cronista do modernismo: 1920-1921” em Mário de Andrade. *De São Paulo*. Cinco crônicas de Mário de Andrade, 1920-1921. Ed. preparada por Telê Ancona Lopez. São Paulo, Editora Senac, 2002, p.65.

³ Sobre o assunto da capa de *Paulicéia desvairada*, ver Telê Ancona Lopez, “O arlequim e a modernidade”, em T.A. Lopez, *Mariodeandradiando*, São Paulo, Hucitec, 1996.

⁴ “conjugam no mesmo suporte o domínio do texto público impresso, apresentado, socializado, e o campo privado do ateliê do criador, o lugar íntimo da gestação.”

⁵ Maria Helena Grembecki. *Mário de Andrade e L’Esprit Nouveau* (1968); Nites Feres. *Leituras em francês de Mário de Andrade* (1967) e Telê Ancona Lopez. *O se-sequêstro da dona ausente* (1967), dissertações de mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada– FFLCH-USP.

Desde 1988, quando as pesquisas dirigidas por Telê Ancona Lopez no arquivo de Mário de Andrade se abriram para a crítica genética, a biblioteca do escritor acolheu uma série de estudos sobre a gênese de sua obra. A simples presença de alguns títulos nas estantes, as influências declaradas, as leituras confirmadas e a fecunda marginália do escritor brasileiro, concretizando seu estudo e sua pesquisa em direção à modernidade, guardam a memória de certos poemas de *Paulicéia desvairada*, bem como de seu prefácio, o “Prefácio interessantíssimo”, espécie de manifesto no qual o escritor brasileiro anunciou sua poética moderna, fundada, sobretudo, nas teorias do harmonismo e do verso livre.

Se pensarmos na associação feita por Telê Ancona Lopez no ensaio “O arlequim e a modernidade”, entre o processo de criação dos poemas de *Paulicéia desvairada* e o traje do arlequim (losangos coloridos), estampado na capa da primeira edição desse livro, cabe nesse traje/processo focalizar o losango *Esprit Nouveau*, isto é, aquele que teve por matriz a revista da vanguarda francesa. Lida e anotada por Mário de Andrade, *L'Esprit Nouveau* ganha estatuto de manuscrito na biblioteca deste arlequim/brasileiro. Arlequim que faz do traje do outro um traje novo, “arlequinal”, expressão disseminada nos poemas do livro, compondo, conforme entendeu Telê Ancona Lopez:

[...] o crivo da intertextualidade por onde passam posições estéticas e soluções técnicas das diferentes vanguardas européias, além de subsídios populares e eruditos de origem vária. (LOPEZ, 2002, p.66)

Expressão recorrente ainda nos poemas do livro posterior, no qual a experiência de vida é matéria-prima para a criação, chave dada pelo poeta nos versos:

Afinal/Este mês de exercícios militares:/Losango cáqui em minha vida./...Arlequinal...(ANDRADE, 2005, p.155)

2 “*Découverte du lyrisme*”: nasce o poema “Tu” na raiz do surrealismo “*avant la lettre*”

Muitos artigos na *L'Esprit Nouveau* receberam do lápis de Mário de Andrade notas identificando noções teóricas que ele já formulava no processo de criação de *Paulicéia desvairada*: lirismo e poesia, estética moderna, harmonismo e impressionismo eram algumas delas.

Assim no nº11/12, no artigo “*Le Phénomène Littéraire*”, de Jean Epstein, p. 1217, o colchete seguido do expoente (1) na margem direita para assinalar o trecho em que Epstein desenvolve a noção de simultaneísmo e para proclamar a coincidência no rodapé: “Mon harmonismo!!!”. Palavra que o leitor/poeta brasileiro escreve e sublinha na própria língua, marcando um conceito seu, cuja definição é dada por ele no «Prefácio Interessantíssimo»:

Ora, se em vez de unicamente usar versos melódicos horizontais: [...], fizermos que se sigam palavras sem ligação imediata entre si: estas palavras, pelo fato mesmo de não se ligarem intelectual, gramaticalmente, se sobrepõem umas às outras, para a nossa sensação, formando, não mais melodias, mas harmonias. Explico melhor: Hamornia: combinação de sons simultâneos. (ANDRADE, 2003, p.24)

No nº1, o texto “*Découverte du Lyrisme*”, assinado pelo diretor da revista, Paul Dermée, promove um rico diálogo intertextual. O lirismo moderno teorizado pelo poeta belga ecoou na noção de lirismo concebida por Mário de Andrade. Escrevendo a grafite e em diagonal a palavra “*définition*”, p.34, à margem esquerda da frase grifada “*Le lyrisme est le chant de notre vie profonde – instinctive, affective et passionnelle.*”⁶, o leitor/poeta acrescenta no fim o índice (1),

⁶ “O lirismo é o canto de nossa vida profunda – instintiva, afetiva e passional.”

remetendo à exclamação, em francês, na margem inferior: “(1) *Je le crie en* ~~en~~ [rasura] *moi-même il y a longtemps!*”⁷

2.1 Surrealismo não oficial na França

“*Découverte du Lyrisme*” marca o início em 1920 de uma série de artigos de Paul Dermée na *L'Esprit Nouveau* a favor da renovação da poesia francesa e de um novo lirismo. No texto no primeiro número da revista internacional de estética, Dermée lança um manifesto poético, nele destacando uma palavra recentemente criada, cujo uso se restringia então a um círculo pequeno da vanguarda parisiense.

O manifesto acusa a tirania da inteligência sobre a sensibilidade e propõe uma expressão lírica pura, cuja natureza, conforme Dermée, pode ser descoberta, “*grâce aux travaux d'approche des psychologues modernes et aux intuitions des poètes nouveaux.*”⁸ (DERMÉE, 1920, p.36) A palavra nova é “surrealismo”, termo que Dermée marca em itálico para se referir às imagens que o poeta do lirismo puro deverá criar:

*Quant aux images, il faut les prendre avec soin, en évitant qu'elles donnent aux objets une existence dans le monde extérieur. Rien, en effet, ne doit faire sortir le lecteur de son moi profond. Donc, pas d'images réalisables par la plastique : mais leur surréalisme.*⁹ (DERMÉE, 1920, p.37)

No entanto, Dermée não era o autor do neologismo impresso no seu artigo. O criador da palavra fora Apollinaire. Em carta de apoio ao manifesto “*Quand le symbolisme fut mort...*”, escrito por Dermée para o primeiro número da revista literária *Nord-Sud*, publicada em março de 1917, o poeta de *Alcools* escrevera:

*Tout bien examiné, je crois, en effet qu'il vaut mieux adopter surréalisme que surnaturalisme que j'avais employé. Surréalisme n'existe pas encore dans les dictionnaires, et il sera plus commode à manier que surnaturalisme déjà utilisé par MM. les Philosophes.*¹⁰ (*L'ESPRIT NOUVEAU*, 1924, p.195)

O epíteto sugerido na carta ao jovem poeta fora publicado pela primeira vez em 1917, na apresentação redigida por Apollinaire para o programa de *Parade* “*une sorte de sur-réalisme...*”, de Jean Cocteau, e, depois, no prefácio a *Mamelles de Tirésias*, classificado como “*drame surréaliste*”. Mas por não estar claramente estabelecido, nem atribuído a uma estética nova, o neologismo abriu-se a novas apropriações.

Foi o caso certamente de Paul Dermée, que parece ter se interessado pela proposição de Apollinaire, servindo-se do termo sistematicamente a partir de 1920 em seus artigos na *L'Esprit Nouveau*. Em 1924, porém, ocorrerá uma disputa entre dois grupos em torno da propriedade intelectual da palavra “surrealismo”.

⁷ “Ele grita dentro de mim há muito tempo!”

⁸ “graças às abordagens dos psicólogos modernos e às intuições dos poetas novos.”

⁹ “Quanto às imagens, é preciso tratá-las com cuidado, evitando que dêem aos objetos uma existência no mundo exterior. Nada, de fato, deve fazer o leitor sair de seu eu profundo. Então, nada de imagens que a plástica possa realizar, mas o surrealismo delas!”

¹⁰ “Depois de tudo muito bem examinado, penso seja melhor adotar surrealismo no lugar de sobrenaturalismo, como eu já havia empregado. Surrealismo ainda não existe nos dicionários e será mais cômodo manejá-lo em vez de sobrenaturalismo, termo já utilizado pelos senhores filósofos.” Trecho extraído de carta de Apollinaire a Dermée, reproduzida na revista *L'Esprit Nouveau*, nº26, [out. 1924], p.195.

De um lado, sobretudo Paul Dermée e Ivan Goll; de outro, André Breton, Louis Aragon e Philippe Soupault. Embora divergissem sobre o sentido da palavra, os dois grupos tinham um denominador comum: Apollinaire, poeta que situavam na origem dos respectivos movimentos.

A revista *L'Esprit Nouveau*, diretamente envolvida na contenda, espécie de veículo do surrealismo dermeano¹¹, tomou o partido do poeta belga e do alsaciano. No nº 28, de janeiro de 1925, na notícia “*La querelle du surréalisme*”, a legenda “*Deux manifestes des deux partis*” apresenta a reprodução das capas de *Surréalisme* e do *Manifeste du Surréalisme*. A primeira corresponde à revista que Ivan Goll lançara em outubro de 1924, um mês antes de aparecer o manifesto do opositor André Breton. Vauvrecy, pseudônimo de Amédée Ozenfant, autor da notícia, observou:

Paul Dermée avait vivement protesté entre autres dans une lettre au Journal Littéraire contre la volonté de M. Breton de prendre le terme Surréalisme comme nom d'une école aux contours fort étroits. Notre collaborateur rappelait qu'il avait 'maintenu' depuis 1920, dans nos colonnes, ce terme de surréalisme créé par Apollinaire. Nos lecteurs ont lu l'article 'Découverte du lyrisme' paru dans notre premier numéro de 1920 et des études de la série Poe, Baudelaire, Lautréamont, Apollinaire, etc, où ce mot avait été systématiquement employé¹². (VAUVRECY, 1925, p.2324.)

A disputa terminou com o abandono do termo por Dermée em favor de outro, “*panlyrisme*”, atitude justificada no artigo “*Pour en finir avec le surréalisme*”, publicado em seu novo periódico *Le mouvement accéléré*. O termo “*Panlyrisme*”, aliás, serviu de título ao artigo com que o poeta belga encerrou o seu programa estético nas páginas da *L'Esprit Nouveau*.

O abandono do termo por Dermée e a publicação do *Manifeste du Surréalisme* por Breton, texto ao qual se vincula o sentido atual da palavra, deixaram na sombra um surrealismo *avant la lettre*, concebido pelo poeta francês Jean Cocteau na criação de “*Parade*” e nomeado pela primeira vez por Guillaume Apollinaire em 1917.

2.2 “Tu” na raiz de um surrealismo *in statu nascendi*

Na raiz desse surrealismo nascendo na França no limiar de 1920, em especial o surrealismo proposto por Dermée, podem ser situados alguns versos de *Paulicéia desvairada*. Em “*Découverte du lyrisme*”, artigo com o qual Mário de Andrade parece ter muito se identificado, nele “descobrimos” um poema em gestação, à p.37, lemos o trecho “*pas d'images réalisables par la plastique*” grifado pelo leitor, que marca o expoente (1) depois da palavra “*plastique*”, e antes do termo “*surréalisme*”, para remeter à nota no rodapé: (1) *Alors je peux bien dire qu'une femme/est plus haute que les tours de São Bento!*¹³

A nota do leitor/escritor, que combina o exercício da crítica e o da criação, ao ensaiar uma imagem surrealista como se pode verificar (uma mulher mais alta do que as torres do mosteiro de São Bento, no centro de São Paulo), esboça, em francês, uma primeira instância dos versos 6, 7, 8 do poema “Tu”, de *Paulicéia desvairada*: Mulher mais longa/que os pasmos alucinados/das torres de São Bento! (ANDRADE, 2003, p.101)

¹¹ Cf. o surrealismo de Paul Dermée por Jean-Marie Roulin, “Paul Dermée et *L'Esprit Nouveau* ou le difficile héritage d'Apollinaire”, em *L'Esprit Nouveau – Le Corbusier et l'industrie 1920-1925*, Les Musées de la Ville de Strasbourg, 1987.

¹² “Paul Dermée protestara vivamente, em uma carta ao *Journal Littéraire*, entre outras coisas, contra a vontade do senhor Breton de usar o termo surrealismo para nome de uma escola de contornos muito estreitos. Nosso colaborador lembrava que mantivera desde 1920, em nossas colunas, o termo surrealismo criado por Apollinaire. Nossos leitores leram certamente o artigo ‘*Découverte du lyrisme*’, no primeiro número de 1920, e estudos da série Poe, Baudelaire, Lautréamont, Apollinaire, etc, nos quais esta palavra fora sistematicamente empregada.”

¹³ Então eu posso muito bem dizer que uma mulher é mais alta do que as torres de São Bento!

Provavelmente traçada em novembro ou dezembro de 1920, considerando a data de publicação do primeiro número da *L'Esprit Nouveau*, outubro de 1920, e sua chegada no Brasil possivelmente um mês depois, o comentário apostado no pé da página pelo jovem poeta brasileiro materializa um primeiro momento da gênese deste poema, sem manuscritos, que se conheça até hoje, senão esta nota marginal no artigo de Paul Dermée.

A 27 de maio de 1921, uma primeira versão integral do poema “Tu” é publicada pela primeira vez no *Jornal do Comércio*, em São Paulo, no artigo “O meu poeta futurista”, de Oswald de Andrade¹⁴, escritor e poeta, cabe lembrar, que, em 1920, forma com Mário de Andrade e outros artistas (Menotti del Picchia, Guilherme e Tácito de Almeida, Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Brecheret) o grupo dos avanguardistas de São Paulo.

O artigo de Oswald de Andrade, que ofereceu a leitura do poema inédito de Mário de Andrade, teve, no entanto, uma repercussão negativa nos meios conservadores da sociedade paulistana. Tirado do anonimato, o poeta promovido não gostou da classificação de futurista, atribuída por Oswald de Andrade. A 6 de julho Mário de Andrade responde ao amigo, publicando no mesmo jornal o artigo “Futurismo?”, no qual repudia toda e qualquer etiqueta estética, reivindicando a liberdade em sua pesquisa para a modernidade.

Liberdade, aliás, experimentada em “Tu”, poema no qual a cidade de São Paulo, evocada no emprego do pronome pessoal e familiar, aparece transfigurada na personificação de uma mulher, a qual se multiplica em imagens bem pouco convencionais. Imagens, cabe dizer, que devem ter chocado muito o gosto do público leitor na época, habituado às formas clássicas, como bem comentou o próprio Mário de Andrade em um trecho de “Mestres do Passado – IV : Alberto de Oliveira”, quarto artigo de uma série de estudos críticos sobre poetas brasileiros parnasianos, publicado em 16 de agosto de 1921 no *Jornal do Comércio* em São Paulo.

Os homens engoliram a pílula. Agora que se fale em 'braços infinitos', isso não!
Que o talhe esbelto da pequena traga a um poeta maluco visões afrodisíacas de torres alucinadas, isso nunca! E por cúmulo dos cúmulos, que essas torres sejam do mosteiro de São Bento, pelo qual o lírico passava diariamente; que o poeta recorde São Bento, São Paulo, Estados Unidos do Brasil e não torres de São Marcos ou de Nossa Senhora de Paris, isso é demais! (BRITO, 1969, p.273)

No trecho, na frase que destacamos em itálico, o escritor se refere à associação feita por ele entre as torres “alucinadas” de São Bento e o “talhe esbelto” da moça, imagem que ele esboçou primeiro nas páginas da *L'Esprit Nouveau* e que entrou reformulada nos versos 6, 7, 8 do poema “Tu”, cuja primeira publicação promovida por Oswald de Andrade no jornal causou forte escândalo.

Em 1922, “Tu” aparece no conjunto dos 21 poemas e um oratório profano na primeira edição de *Paulicéia desvairada*. Décimo-sétimo poema do livro, composto de 36 versos livres distribuídos em 8 estrofes, “Tu” é o retrato da dama a quem o poeta, como um trovador, rende homenagem em seu livro. Deslocando-se dos tempos medievais e das terras européias para os tempos modernos, os anos 1920, e para as terras tropicais, o Brasil, o trovador indígena, que se apresenta no poema “O Trovador”, no verso 10, “Sou um tupi tangendo um alaúde!”, canta o seu amor pela cidade, evocada em “Inspiração”, primeiro poema do livro: “São Paulo ! comoção de minha vida...”.

No conjunto dos poemas em que o eu lírico se funde na cidade para denunciar suas contradições por meio da pintura de cenas, de personagens e de paisagens urbanas (quatro), “Tu” corres-

¹⁴ Oswald de Andrade também assinou a revista *L'Esprit Nouveau*, por indicação de Mário de Andrade, amigo erudito e atualizado com as publicações de vanguarda. Nos arquivos da Fundação Le Corbusier em Paris, onde estão os documentos desta revista francesa, localizei na seção dos assinantes, ficha assinada por Oswald de Andrade, solicitando a revista a partir do nº 10.

ponde ao desenho da protagonista do livro, Paulicéia, que eclode em uma espécie de fantasmagoria. Manifestando-se na figura de uma mulher, anunciada pelo poeta pouco antes da evocação “Paulicéia, minha noiva... Há matrimônios assim...”, verso 7 de “Tristura” (décimo poema), “Tu” se desdobra em várias imagens, a prosaica “Costureirinha de São Paulo/italo-franco-luso-brasilico-saxônica” (versos 12,13) e muitas outras de contornos fantásticos, assustadores e verticais, que transcrevemos abaixo:

Morrente chama esgalga (verso 1)
Espírito de fidalga (verso 3)
Mulher mais longa/que os pasmos alucinados/das torres de São Bento! (versos 6,7,8) (grifo meu)
Mulher feita de asfalto e de lamas de várzea (verso 9)
Lady Macbeth feita de névoa fina (verso 17)
Mulher que és minha madrastra e minha irmã! (verso 19)
Trituração ascensional dos meus sentidos! (verso 20)
Materialização da Canaan de meu Poe!/Never more! (verso 26,27)
Oh! Incendiária dos meus aléns sonoros! (verso 29)
tu és o meu gato preto! (verso 30)
as alucinações crucificantes (verso 35)
(ANDRADE, 2003, p.101-103)

São imagens surreais, fazendo eco àquela esboçada no artigo de Dermée, como podemos comparar. Algumas delas evocam outras leituras do poeta modernista, que, nesse caso, não deixou traços materiais, como a nota marginal na *L'Esprit Nouveau*. A imagem da cruel “Lady Macbeth”, a citação da expressão “Never more!” e a referência ao “gato preto” escondem as leituras da tragédia *Macbeth* de Shakespeare, do poema “The raven” e do conto “The black cat” do poeta norte-americano Edgar Allan Poe, obras, não anotadas, mas na biblioteca de Mário de Andrade¹⁵.

Uma interpretação sobre o intertexto de Edgar Allan Poe no poema “Tu” foi apresentada por João Luiz Lafetá em *Figuração da intimidade* em 1986. Segundo o crítico literário brasileiro, que fez uma leitura psicanalítica, focalizando a pulsão reprimida do poeta, a invocação a Poe por Mário de Andrade serviu para criar a imagem de “desejos de crimes turco”, de “pesadelos taciturnos”, nos versos 23 e 25. “A incendiária” (verso 29) é o “gato preto” (verso 30) do poeta brasileiro, amor e medo, “figura de um amor meio degradado que oscila – ‘chama esgalga’ – entre o entusiasmo da devoção [...] e o aspecto terrível das ‘alucinações crucificantes’.” (LAFETÁ, 1986, p. 84)

Desse modo, a leitura do artigo de Paul Dermée, escondida nos versos 6,7,8 de “Tu”, vem acrescentar novo dado à interpretação do poema. A nota manuscrita nas páginas da *L'Esprit Nouveau*, tentando uma imagem sem nexos com a lógica do mundo real, (“(1) *Alors je peux bien dire qu'une femme/est plus haute que les tours de São Bento!*”), desvela, como pudemos ver, a experimentação de imagens surrealistas na construção da figura feminina “Tu”. Surrealismo, vale lembrar, ainda não oficial, preso à poética dermeana, de contornos flutuantes. Nos debates das vanguardas européias, o poeta belga transitou pelo cubismo literário francês, proposto por Apollinaire, aliou-se às idéias revolucionárias do dadaísmo, ao mesmo tempo em que dialogou com os ideais neo-

¹⁵ Na biblioteca de Mário de Andrade, em duas edições sem data, provavelmente lidas pelo leitor brasileiro antes da criação do poema “Tu”: William Shakespeare, *Shakespeare's works*, London, Charles Taylor, The Brooke House, s.d.; Edgar Allan Poe, *Edgar Poe Contes et Poésies*, introduction, traduction et notes par Emile Lauvrière, Paris, La Renaissance du Livre, s.d.

clássicos do purismo de Ozenfant e Le Corbusier, fundando com eles o projeto da *L'Esprit Nouveau*, no qual permaneceu como diretor apenas em seus três números iniciais.¹⁶

Em 1941, nova versão de “Tu” aparece em *Poesias*, coletânea de poemas organizada por Mário de Andrade, reunindo os títulos do primeiro tempo modernista e os livros “A costela do Grã Cão” e “Livro azul”. Entrando na primeira parte do livro, “O Estouro”, nome que faz referência ao período da renovação poética do poeta, o poema tem o verso 19 suprimido, “Mulher que és minha **madrasta** e minha **irmã**”, em uma espécie de censura de cunho psicanalítico do que parecia estar aludido (“**mãe**”), compondo-se então de 35 versos.

Conclusão

Eis, em síntese, o trajeto que esta simples nota nas margens da revista *L'Esprit Nouveau*, único documento manuscrito do poema “Tu” até o momento, permite retratar, demarcando com isso o nascimento de um poema surrealista, *avant la lettre*, de Mário de Andrade. O diálogo do autor de *Paulicéia desvairada* com o surrealismo não oficial na França, em 1920, pode ser ainda confirmado pelo raro exemplar, anotado, do número único da revista *Surréalisme*, de Ivan Goll, nas prateleiras desse arlequim/brasileiro. Arlequim, retomando a imagem do traje de losangos, que, na composição/construção de seus muitos “eus” – poeta, ficcionista, cronista, “correspondente contumaz”, crítico das artes, musicólogo, professor, fotógrafo, pesquisador do folclore, colecionador de arte, leitor e bibliófilo –, nos legou uma das bibliotecas mais importantes do modernismo brasileiro.

Referências Bibliográficas

- [1] ANDRADE, Mário de. *De São Paulo*. Cinco crônicas de Mário de Andrade, 1920-1921. Ed. preparada e anotada por Telê Ancona Lopez. São Paulo, Editora Senac, 2004.
- [2] _____. “O movimento modernista”, em *Aspectos da literatura brasileira*. 6ª ed., São Paulo, Livraria Martins Editora, 1978.
- [3] _____. *Paulicéia desvairada*, em *CAIXA MODERNISTA*. Ed. organizada por Jorge Schwartz. São Paulo/Belo Horizonte, Edusp/Editora UFMG/Imprensa Oficial, 2003.
- [4] _____. *Poesias completas*. Ed. crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 2005.
- [5] _____. “Prefácio interessantíssimo”, em *Paulicéia desvairada*, em *CAIXA MODERNISTA*. Ed. organizada por Jorge Schwartz. São Paulo/Belo Horizonte, Edusp/Editora UFMG/Imprensa Oficial, 2003.
- [6] BONNET, Marguerite. “Aux sources du surréalisme: place d'Apollinaire”, em *La Revue des Lettres Modernes*, nºs 104-107, 1964 (4). Guillaume Apollinaire (troisième série). Études et informations réunies par Michel Décaudin.
- [7] BREUNIG, L.C. “Le sur-réalisme”, em *La Revue des Lettres Modernes*, nºs 123-126, 1965 (4). Guillaume Apollinaire (quatrième série). Études et informations réunies par Michel Décaudin.
- [8] BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- [9] DERMÉE, Paul. “Découverte du lyrisme”, em *L'Esprit Nouveau : revue internationale d'esthétique*, nº 1, Paris, [outubro 1920].

¹⁶ Sobre Paul Dermée ler Michel Sanouillet, *Dada à Paris*, Paris, CNRS Editions, 2005; Jean-Marie Roulin, “Paul Dermée et *L'Esprit Nouveau* ou le difficile héritage d'Apollinaire”, em *L'Esprit Nouveau – Le Corbusier et l'industrie 1920-1925*, Les Musées de la Ville de Strasbourg, 1987.

- [10] _____. “Quand le symbolisme fut mort”, em *Nord-Sud. Revue Littéraire*. Paris, nº 1, 15 mars, 1917, pp.2-4.
- [11] *L'Esprit Nouveau: Revue internationale d'esthétique*, dir. Paul Dermée (nºs 1-3)/*Revue internationale illustrée de l'activité contemporaine*, dir. Amédée Ozenfant e Ch.-E. Jeanneret (nºs 4-28), Paris, [1920-1925]. 7 vols., Biblioteca de Mário de Andrade/IEB-USP.
- [12] FERRER, Daniel. “Un imperceptible gomme de tragacanthé”, em *Bibliothèque d'écrivains* (sous la direction de Paolo D'Iorio et Daniel Ferrer). Paris, CNRS Editions, 2001.
- [13] LAFETÁ, João Luiz. *Figuração da intimidade*. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1986.
- [14] LOPEZ, Telê Ancona. “O arlequim e a modernidade”, em T.A. Lopez, *Mariodeandrando*. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.
- [15] _____. “A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação”, em Roberto Zular (org.), *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo, Editora Iluminuras/FAPESP/CAPEs, 2002.
- [16] ROULIN, Jean-Marie, “Paul Dermée et *L'Esprit Nouveau* ou le difficile héritage d'Apollinaire”, em *L'Esprit Nouveau – Le Corbusier et l'industrie 1920-1925*, Les Musées de la Ville de Strasbourg, 1987.
- [17] SANOUILLET, Michel, *Dada à Paris*, édition nouvelle, revue, remaniée et augmentée par Anne Sanouillet, Paris, CNRS Editions, 2005.
- [18] VAUCREVY. “La querelle du surréalisme”, em *L'Esprit Nouveau : Revue internationale illustrée de l'activité contemporaine*, nº 28, Paris, [janeiro 1925].

¹**Lilian ESCOREL DE CARVALHO, Doutoranda**

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas lilianescorel@uol.com.br

